

REPARAÇÃO: PARA ALÉM DO INSTINTO DE MORTE

Paulo Martins Machado*, Porto Alegre

O ato de matar é tão antigo quanto a existência da vida. Considerou-se, para muitos pesquisadores, o ato de matar para viver uma lei natural e portanto eminentemente moral, quando se mantém nos limites da natureza. Torna-se antinatural quando matador e vítima pertencem à mesma espécie.

O tema do conceito kleiniano de “reparação” obriga a uma reflexão sobre a agressão inata no ser humano e, conseqüentemente, sobre a teoria dos dois instintos de Freud, formulada em 1920 no seu *Além do Princípio do Prazer*. Ambos os pontos de vista que servem de base para a especulação de Freud – a teoria econômica, tal qual ele formulou, e o instinto de autodestruição – foram quase unanimemente rejeitados.

Somente M. Klein e sua escola aceitaram o instinto de morte, assim mesmo com certa reserva.

O tema da reparação foi tratado num trabalho por mim escrito em 1985 e diz respeito à reparação dos objetos e suas decorrências. Saliento nesse trabalho a postulação de existirem duas formas de reparação: a fantasia reparatória e a reparação propriamente dita ou verdadeira.

O estabelecimento do superego foi um acontecimento transcendental na raça humana. Ele estabeleceu a existência do sentimento de culpa. A reparação é um corolário obrigatório do sentimento de culpa. A reparação é acionada pela culpabilidade.

A reparação não necessita da hipótese do instinto de morte para viger. Pelo contrário. Parece incongruente com ele. Epistemologicamente, a reparação necessita apenas do conceito de agressividade inata.

Saliento no trabalho de Freud de 1920 o que considero contribuições “ao lado” do tema principal, dentre elas o carácter reconstrutivo da repetição traumática.

Critico, como inaceitáveis, as duas idéias que sustentam o conceito de instinto de morte, quais sejam, a auto-eliminação com fim último da vida, bem como o argumento de que o suicida comprova a tese da existência de um anseio instintivo de se autodestruir.

Depois de comentar os exageros da teoria do narcisismo secundário como responsável pelo culto do objeto em detrimento do self, postulo que a reparação é o próprio instinto de vida, no seu aspecto evolutivo. A morte não é a antítese da vida; ela é uma conseqüência do ciclo vital. Portanto, a morte não é sinônimo de querer morrer.

A reparação dos objetos internos é pré-condição imperativa para a construção e manutenção do self, esta a finalidade da vida. O impulso a assassinar o objeto foi confundido com a auto-eliminação, dada a fusão self-objeto nesse tempo recuado. Talvez seja graças ao estabelecimento da posição depressiva e a sua solução, via reparação, que o estrago feito no sujeito pela mortificação seja controlável até certo ponto.

A vida pode ser um experimento do espírito curioso – não uma obrigação, nem uma fatalidade, nem um engano! (Nietzsche)

Matar para viver é lei férrea, que domina o mundo dos seres vivos; é uma lei natural e portanto eminentemente moral, quando se mantém nos limites da natureza... Todos os indivíduos das espécies superiores matam os de espécie inferior para com eles se nutrirem e então o ato de matar é plenamente natural e moral; os animais vivem de plantas... os animais superiores vivem de animais inferiores, o homem vive de animais e plantas e, para viver melhor, ele mata. Mas o ato de matar torna-se antinatural, quando matador e vítima pertencem à mesma espécie, “quando uccisore ed ucciso appartengono alla stessa specie” (Ferri, 1925, p.8).

O “estado de necessidade” introduz uma variável inquietante nessa lei moral e natural. Ela diz que se pode matar, desde que seja para defender necessidades naturais. “Caracteriza-se o estado de necessidade”, observa Galdino Siqueira, “pelo conflito de interesses lícitos, cada um dos quais somente pode ser conservado à custa do outro, situação que pode resultar de forças naturais ou de ato humano. Pressupõe, pois, a situação de perigo atual, que somente pode ser removida pela lesão de interesses lícitos de outrem” (Machado, 1975, p.11-12). Aqui, toda a semelhança do estado de necessidade com a legítima defesa. No entanto, na legítima defesa – prossegue a citação – “a diferença está no conflito entre interesses lícitos de um lado e ilícitos do outro”.

Realmente, o que há de mais comum do que o faltoso (ou “criminoso”, se se quiser) dar um monte de explicações, de justificativas para o seu ato? Temos até a tese social para os crimes – tese sustentada nos dias de hoje. Há quem veja nas carências sociais, no estado de miserabilidade, uma motivação importante e justificada para a criminalidade. Aliás, não estamos inventando nada de novo. é a postulação de Victor Hugo na saga de Jean Valjean.

Uma reflexão sobre o conceito kleiniano de “reparação” obriga a tratar da agressão inata do ser humano e, conseqüentemente, da teoria de Freud dos dois instintos: o instinto de vida, Eros, e o instinto de morte.

Freud assentou o seu trabalho de 1920 em dois pilares básicos: o seu ponto de vista econômico e o que ele chamou de princípio do prazer. Não vou me estender na explanação desses tópicos por demais conhecidos. Basta dizer que o ponto de vista econômico afirma que o aparelho mental quer livrar-se de um excesso de tensão ou de um acréscimo de cargas. Tudo o que o aparelho mental aspira é a um certo limiar estável em que as energias não sejam excessivas.

O princípio do prazer, articulado com o ponto de vista econômico, afirma que o sujeito aspira a livrar-se do desprazer e buscar o prazer. Há uma correlação entre o nível de “tensão” do aparelho mental e a sensação de prazer. Sobre esse ponto Freud não pode se decidir: sua expectativa de que o prazer coincidissem com uma baixa tensão tornou-se, para ele, insustentável.

Demandaria um trabalho redundante e em nada enriquecedor revisar toda a enorme literatura psicanalítica de autores que fizeram importantes reparos ou rejeitaram de todo o ponto de vista econômico. Para só citar alguns nomes, estão entre eles Bernard Apfelbaum (1965), Willy Baranger (1968) e tantos outros. A assim chamada teoria “hidráulica” de Freud foi duramente criticada. Outros autores, como Donald Meltzer (1967), postulam a existência de uma economia baseada na oscilação entre as posições esquizo-paranóide e depressiva.

Da mesma forma, a especulação sobre a existência de um “instinto de morte” é quase unanimemente rejeitada. Somente Melanie Klein abrigou-a. Otto Fenichel, Heinz Hartmann, Donald Winnicott, Ronald Fairbairn, para citar apenas os expoentes de correntes importantes, rejeitaram-na.

Em nosso meio, Romualdo Romanovski (1981), centrando sua investigação nos fenômenos repetitivos, postula conclusões numa linha diferente da minha. Mas, além de pôr em dúvida a idéia freudiana de um instinto de morte para explicá-los, atribui ao ego a produção, ou pelo menos, a manutenção, do fenômeno repetitivo. Romanovski não deixa de salientar a busca da “integração” como um dos objetivos da repetição.

O conceito kleiniano de reparação diz com a reparação do objeto, especialmente do objeto primário, o peito. Irei resumir, neste trabalho, os dados que desenvolvi no meu trabalho sobre reparação, apresentado à SPPA (Machado, 1985). Pretendo, contudo, atualizar minhas opiniões sobre o tema, o que implicará numa crítica ao conceito de instinto de morte, de Freud. Penso que no próprio corpo das idéias de M. Klein existe um dado, originário de Karl Abraham, que vem ao encontro da minha argumentação a favor de um ponto de vista “evolutivo”, ou seja, que leva em conta a evolução ontogenética. Essa formulação de Abraham vincula a reparação à genitalidade. O ponto de vista evolutivo contradiz o instinto de morte. A morte é uma consequência evolutiva e não uma finalidade instintiva.

O tema da reparação foi tratado, no meu trabalho de 1985, sob dois aspectos: um que se refere às suas formas, outro que diz respeito às relações entre o fenômeno da reparação e a cura analítica (1).

O problema das formas de reparação tem a ver com a questão dos níveis de funcionamento mental. A descoberta feita por Freud de que as fantasias podiam causar efeitos mentais tão significativos como se fossem acontecimentos reais, objetivamente falando, estabeleceu esses dois níveis: o da fantasia e o da realidade. Para a realidade psíquica, a fantasia – ou seja, o imaginário, não-real objetivamente falando – é o real. Contudo, a realidade objetiva pesa para o desenvolvimento do sujeito. Viver apenas no mundo da fantasia torna a vida impossível. A realidade objetiva – contraposta nesse sentido à fantasia – é decisiva para o desenvolvimento do sujeito, tanto quanto a fantasia. De fato, o desenvolvimento necessita de uma integração de ambas as formas ou expressões da vida mental.

As formas de reparação vão depender de estarem vinculadas a cada um desses níveis, fantástico e realístico ou, mais corretamente, predominantemente fantástico e predominantemente realístico.

A introdução dos conceitos de posições esquizo-paranóide e depressiva permitiu duas linhas de desenvolvimento teórico nesse sentido. Em primeiro lugar, estabeleceu conceitos que levaram a compreender melhor a organização mental. Por outro lado, firmou o conceito de reparação, estabelecendo-o como conexão entre o nível realístico e o mundo externo e interno, através do ego, o que permite o enriquecimento do sujeito.

Não é simples e linear a equivalência entre os níveis fantástico e realístico e as posições kleinianas. Se a posição esquizo-paranóide é francamente dominada pelo nível fantástico, a posição depressiva não é totalmente dominada pelo nível realístico. É necessário, aqui, distinguir-se instalação da posição depressiva e superação (saída) da posição depressiva. São dois momentos diferentes no que respeita aos efeitos produzidos pela reparação, porque o peso da realidade objetiva é diverso em cada um dos momentos. Isto se deve ao fato de que a instalação da posição depressiva se faz à custa de mecanismos esquizo-paranóides. Na instalação da posição depressiva, a reparação toma em consideração alguns elementos da realidade objetiva – interna e externa –, mas os manipula magicamente, onipotentemente. A superação da posição depressiva acompanha-se do predomínio crescente do nível realístico, quando então a realidade objetiva – interna e externa – é mais fortemente considerada e a reparação manipula os dados mais realisticamente.

“Posição”, em Melanie Klein, é um conceito estrutural, o que pressupõe relações de objeto, internas e externas, organizadas em função de uma modalidade de ansiedade. É a modalidade de ansiedade vigente o fator central na estruturação da posição. Defini “estrutura”, seguindo alguns autores, como um centro psíquico de organização relativamente estável, com funções específicas. Contrastam-se, assim, com as macroestruturas, id, ego e superego.

O aparecimento da ansiedade depressiva constitui um acontecimento momentoso na vida mental. Pelas condições do seu aparecimento, ela obriga o sujeito à utilização de mecanismos arcaicos preexistentes, com a finalidade de dominar o novo perigo. Os dois níveis de funcionamento mental, portanto, – se se pudesse esquematizar –, são o das estruturas esquizo-paranóides e depressivas “primeiro momento” (nível fantástico) e o das estruturas depressivas “segundo momento” (nível realístico).

O conceito de “nível” ou “plano” é aqui utilizado segundo o sentido que lhe empresta Freud, quando procura caracterizar configurações psicológicas organizadas em “camadas”, numa estratificação da mente comparável aos estratos arqueológicos. Tem, pois, uma conotação francamente evolutiva. Significa que o nível das estruturas de tipo esquizo-paranóide é mais primitivo que o das estruturas de tipo depressivo. Além disso, há a tendência ascendente através da qual as estruturas esquizo-paranóides se transformam em estruturas de tipo depressivo. Nessa tendência, a reparação desempenha um papel central. Não significa isso, contudo, que essa transformação se dê em bloco. O mais comum é que ela seja gradual e que parte das estruturas do tipo esquizo-paranóide e/ou as de tipo depressivo “primeiro momento” não alcancem o nível das estruturas reparadas – tipo depressivo “segundo momento” – ou levem tempo para fazê-lo.

Esses dois níveis têm que ver com a questão da formação simbólica. Dependendo do nível, ela assume formas e funções diferentes, determinadas pelos efeitos diversos que o impulso à reparação gera em cada um dos dois níveis. São descritas na literatura mundial, como se verá adiante, as seguintes formas de reparação: verdadeira, maníaca, obsessiva e o propiciamento. A maníaca, a obsessiva e o propiciamento estão incluídas num grupo denominado por vezes de “falsa” reparação. Também se descreve uma reparação “fracassada”. O trabalho aqui apresentado pretende sustentar o ponto de vista de que todas essas formas de reparação constituem “fantasias de reparação” (2), denominação que acentua a existência, em sua organização, de mecanismos mágicos, onipotentes, originários das estruturas esquizo-paranóides, para, desse modo, diferenciá-las da reparação propriamente dita ou verdadeira, em que os mecanismos postos em ação se originam em estruturas de tipo

depressivo “segundo momento”. Não obstante a diferença existente entre as duas formas de reparação, procura-se demonstrar a continuidade genética entre ambas as formas, inserindo-se as fantasias de reparação na posição de precursoras da reparação verdadeira ou propriamente dita. É a intensidade do sentimento de culpa que vai decidir se uma fantasia reparatória evoluirá ou não. A culpabilidade avassaladora impede o self de utilizar seus recursos internos ou externos exitosamente para evoluir, mantendo o sujeito estagnado. A regressão ou fixação em níveis primitivos, portanto, é o seu corolário obrigatório.

A reparação verdadeira tem repercussões transcendentais na vida mental. Não se trata simplesmente de “voltar a amar”, ou ser grato a um objeto que foi violentamente odiado, muito embora a importância decisiva desses sentimentos. As repercussões da reparação verdadeira só podem ser apreendidas em toda a sua amplitude se forem correlacionadas com os dados da metapsicologia.

No resumo e conclusões desse trabalho, digo o seguinte: a história do conceito kleiniano de reparação parte de uma concepção pulsional para, integrando-se na noção das posições, enriquecer-se com uma dimensão estrutural.

A atividade mental está distribuída em dois níveis, o fantástico e o realístico. Na teoria das posições, esses dois níveis correspondem, o primeiro, à posição esquizo-paranóide mais a instalação da posição depressiva, enquanto o segundo, o realístico, corresponde à superação (“saída”) da posição depressiva. Esses dois níveis são estabelecidos pelo funcionamento das estruturas fantásticas e estruturas de tipo realístico, respectivamente. O fenômeno da reparação comparece nos dois níveis. Embora o mecanismo do seu surgimento seja o mesmo em ambos – ele é acionado pelo sentimento de culpa –, os efeitos são diferentes em cada um deles. No nível das estruturas fantásticas, o impulso à reparação produz fantasias de reparação, precursoras genéticas da reparação verdadeira, essa adstrita ao nível das estruturas de tipo depressivo (nível de superação da posição depressiva).

Essa distribuição do fenômeno da reparação permite caracterizar as formas maníaca e obsessiva de reparação e o propiciamento - as chamadas formas “falsas” de reparação – e a “fracassada”, como pertencentes ao nível fantástico. A este nível pertencem igualmente todas as práticas propiciatórias destinadas a proteger, onipotentemente, por esses meios, pessoas e coisas, bem como os rituais de morte e ressurreição.

Essas fantasias reparatórias não constituem “tentativas de reparação”. A denominação “tentativas de reparação” é inadequada porque, na realidade psíquica, uma fantasia de reparação pode ser tão completa e exitosa quanto uma reparação verdadeira. É possível distinguir-se, no material clínico, as “fantasias de tentativas de reparação” das “fantasias exitosas de reparação”. Nos sonhos, muitas vezes, essa diferença é expressa com muita clareza. A interpretação analítica deve atentar para essas nuances e detalhes.

Também denominá-las de “falsas” não traduz toda a verdade da realidade psíquica. Em contraposição, o termo “fracassado” é mais adequado, muito embora acarretando um eventual risco contratransferencial, que poderia conduzir a um sentimento negativo na apreciação desse tipo de material.

Conectada com as duas formas de reparação – fantástica e verdadeira – está a questão da formação simbólica. Dependendo do nível em que se forma o impulso reparatório, têm-se a equação simbólica ou os símbolos totalmente desenvolvidos. A formação simbólica no nível das estruturas fantásticas – gerando a equação simbólica – atesta o funcionamento, nesse nível, da ansiedade depressiva, bloqueada pela ansiedade persecutória.

Assim como as fantasias reparatórias são precursoras da reparação verdadeira, assim também a equação simbólica é precursora do símbolo totalmente desenvolvido, mostrando um continuum entre uma e outra na sua composição.

A reparação verdadeira, levando à reinstalação do objeto total bom no self, é conceituada como o fundamento metapsicológico da cura analítica.

As estruturas reparadas, ou seja, as que se formam da superação da posição depressiva, têm uma tripla função: funcionam como um dique contra as eventuais estruturas esquizo-paranóides vigentes, inibindo-as ou contendo-as; contribuem para a transformação das estruturas esquizo-paranóides em estruturas reparadas, estabelecem um intercâmbio enriquecedor do self com o mundo externo. Constata-se clinicamente que a transformação das estruturas esquizo-paranóides em estruturas reparadas não se produz em bloco, mas gradual e um tanto “isoladamente”. Este fato compõe a figura de um self em mosaico. Como a reparação verdadeira, responsável pelo surgimento das estruturas reparadas, só existe em função dum quantum não excessivo de culpa, a tripla função das estruturas reparadas, acima mencionada, só pode vingar na presença de um superego benigno.

É possível que a posição central que as estruturas reparadas ocupam em relação às modificações metapsicológicas aludidas deva-se ao fato de que a reinstalação do objeto total bom no self estabelece a continuidade genética com o primitivo “objeto bom” e que, através deste, contraia profundas relações com os níveis mais arcaicos da personalidade.

O fenômeno da reparação verdadeira, mercê da assimilação – uma verdadeira amálgama entre o objeto e o self – responde pela questão, levantada na literatura, relativa à reparação do self. Amalgamado com o self, o objeto total bom reparado proporciona a reparação do próprio self, conforme postulações implícitas em Melanie Klein.

A teoria da reparação não é uma teoria alternativa de cura(3). Pelo contrário. Como teoria do ego, ela complementa a teoria da evolução instintiva. O giro estrutural que sofreu a teoria da reparação não repudia o pulsional; dá-lhe nova dimensão e força, ajudando a compreender melhor o complexo problema do desenvolvimento ontogênico. Eminentemente criativos, os impulsos genitais, quando integrados pelas estruturas reparadas, dão novo ímpeto aos fenômenos reparatórios(4).

O fenômeno da reparação verdadeira não pode ser estimulado nem forçado intencionalmente pelo trabalho analítico. Ele resulta do alívio das ansiedades paranóide e depressiva, alívio que, nos casos afortunados, conduz às modificações metapsicológicas compreendidas na cura, brotando espontaneamente como decorrência do trabalho analítico. Como é a dissolução das dissociações do self e a dos objetos (ou sua atenuação) que fazem surgir a culpa e a reparação (quando aquela não for excessiva), insight e fenômeno da reparação têm conexões importantes.

As fantasias de reparação estão no material analítico e podem ser abordadas diretamente através da interpretação. É possível, em alguns casos, encontrar no material referente à reparação verdadeira as raízes esquizo-paranóides dela. Como precursoras da reparação verdadeira, o trabalho analítico sobre elas está plenamente justificado, pois de sua evolução depende, também, o

futuro da reorganização mental propiciada pelo trabalho analítico.

A reparação tem que ver, portanto, estritamente com o conceito de ansiedade depressiva. Ela é um corolário obrigatório do sentimento de culpa. É a culpabilidade que aciona, de maneira irrecorrível, o impulso a reparar.

Linhas atrás, eu afirmei que a reparação verdadeira ou propriamente dita tem repercussões transcendentais na vida mental. Com toda a probabilidade, essa transcendência tem a ver com a articulação da reparação com o evoluir da vida, como se dirá adiante.

O conceito de reparação não necessita da hipótese do instinto de morte para viger. Até pelo contrário. O conceito de reparação parece incongruente com o conceito de instinto de morte. Epistemologicamente, a reparação necessita apenas do conceito de agressividade inata.

Em toda a sua obra, Freud jamais afastou-se de sua teoria econômica, exposta no Projeto(5). Apesar de ter chegado a conclusões francamente psicológicas, como no trabalho de 1926 (Inibição, sintomas e ansiedade), seu raciocínio científico permaneceu fiel aos princípios que formulara antes de 1900. Mas é precisamente pela sua adesão irrestrita às suas idéias teóricas que o pensamento de Freud é coerente. E quando aparentemente divergimos dele, o que, na realidade fazemos não é divergir, mas seguir os passos de seus achados geniais. Poder-se-ia elocubar dizendo que os princípios científicos coerentes de Freud compõem uma metáfora, por isso podem ser desenvolvidos.

O trabalho de 1920 não foge a esta regra. Defendendo sua teoria econômica, ele nos dá muitas pistas – como que “ao lado” – que permitem outros desenvolvimentos.

Creio não ser necessário reproduzir o trabalho de 1920, tão conhecido e discutido ele foi e é. Apenas vou citar alguns pontos para servirem de base à minha argumentação.

Para a sua proposição, Freud partiu da neurose traumática e da constatação clínica da repetição mental do trauma, coisa que, segundo o princípio do prazer, não deveria acontecer. Se era um acontecimento sofrido, por que haveria o sujeito de repeti-lo e repeti-lo? Isso estava em desacordo com o princípio do prazer. O ego, por definição (o ego de antes de 1923), procura livrar-se do que é sofrido e conservar, para si e como seu, o que é prazeroso. Se os sonhos são realização de desejos, “estaria mais em harmonia com a natureza destes, se mostrassem ao paciente quadros de seu passado sadio ou da cura pela qual esperam” (p.24-5).

Volta-se, a seguir, para o jogo, o brincar da criança. E diz, a respeito do célebre jogo do carretel:

“A interpretação do jogo tornou-se então óbvia. Ele se relacionava à grande realização cultural da criança, a renúncia instintual (isto é, renúncia à satisfação instintual) que efetuara ao deixar a mãe ir embora sem protestar. Compensava-se por isso, por assim dizer, encenando ele próprio o desaparecimento e a volta dos objetos que se encontravam a seu alcance” (p.27). Prossegue: “A criança não pode ter sentido a partida da mãe como algo agradável ou indiferente. Como, então, a repetição dessa experiência aflitiva, enquanto jogo, harmoniza-se com o princípio do prazer?” (p.27).

Todo o exame que Freud faz, a seguir, na linha do brincar infantil ou da representação teatral nas ps. 27 e 28, é inteiramente inconclusivo, mas nunca deixa de salientar o carácter “reconstrutivo”, poder-se-ia dizer, do brincar. Basta citar duas idéias a respeito: “Talvez se possa responder que a partida dela tinha de ser encenada como preliminar necessária a seu alegre retorno, e que neste último residia o verdadeiro propósito do jogo”. E adiante: “No início, achava-se numa situação passiva, era dominada pela experiência; porém, por mais desagradável que fosse, como jogo, assumia papel ativo” (textos da p.27). Tanto a idéia de um “alegre retorno” da mãe, quanto de a criança assumir um “papel ativo” compõem, a meu ver, uma reconstrução da situação traumática. É como querer começar de novo, zerando a situação. Como que a dizer: “ela saiu, vou fazê-la voltar”; “ela saiu, mas voltará por força do meu desejo”. Ativamente, a criança assume as rédeas da reconstrução da situação traumática, fazendo ela o que não pôde evitar que fosse feito (a saída da mãe). E repete e repete, na esperança obsessiva de que afinal reencontrará a mãe, fazendo-a voltar. No seu brincar, ela recria a situação traumática e procura dar-lhe uma solução mais feliz. (Não é outro o sentido geral da transferência: o analisando repete as situações catastróficas vividas, na esperança de que o analista possa ser um holding mais efetivo para suas projeções e com isso encaminhar uma solução para seus problemas).

Prosseguiu Freud em sua caminhada intelectual: se essa repetição se impunha, é porque ela sobrepujava o princípio do prazer. Então ela era mais “forte” do que o princípio do prazer. Mais forte, para Freud, significa que vem “antes”, é mais antiga. As tendências que são mais impositivas do que o princípio do prazer são, pois, tendências “mais primitivas do que ele e dele independentes” (p.29).

Dois argumentos clínicos em favor da existência de um instinto de morte parecem-me insuficientes e em desacordo com a teoria freudiana. O primeiro, o de que o sujeito aspira, afinal, a destruir-se. Só não o faz graças à deflexão do instinto de morte para “fora”. Segundo, que o impulso suicida é a satisfação do desejo de auto-eliminação.

O argumento de Freud de que o instinto de morte visa a autodestruição está em contradição com sua própria afirmativa segundo a qual não há, no inconsciente, representação da própria morte. Se no inconsciente – ou, mais precisamente, no id – houvesse uma representação da própria morte como algo absoluto e irrecorrível, nada haveria de destoante no objetivo de liquidar-se a si próprio. A cura, ou o máximo de cura psicanalítica a que o sujeito poderia aspirar, era então dar-se conta – e ficar feliz com isso – de que ele afinal vai ao encontro do desejo mais secreto de todos: eliminar-se. O tratamento analítico, ao invés de ficar gratificado por aliar-se à luta pela vida do seu analisando, fazê-lo apto para a ananke portanto, ao contrário, deveria entristecer-se ao ver seu analisando vivendo, progredindo, afastando-se do fim último e inevitável: o desejo irrecorrível de eliminar-se.

Não é isso o que fazemos todos os dias. O que o nosso analisando procura é ajuda para viver. Mesmo sem ter em mente “a ânsia de curar ou salvar”, quando o aceitamos em análise, estamos tacitamente concordando com ele. Claro, não nos cabe dizer de que modo ele deverá viver – mas deverá.

Mas o argumento clínico mais notavelmente distorcido é o que afirma que o “impulso suicida” é o demonstrativo emblemático do desejo de auto-eliminação (cf. Rosenfeld, 1988). Já faz tempo – custa crer que se tenha de repetir algo cediço! – que a psicologia da melancolia foi taxativamente estabelecida: o ataque suicida não visa ao sujeito. O ataque mortífero visa ao objeto internalizado. Claro, quem tiver dificuldade em entender o que é um “objeto internalizado” jamais poderá compreender um suicida. Quem não puder conceber um mundo interno, povoado de objetos (pessoas ou partes delas que agora estão “dentro”

da mente do sujeito), quem não puder entender que esses objetos internos são alvo de projeções por parte do sujeito – então nada se poderá fazer com tal psicologia.

O argumento de Freud, que o sujeito aspira à auto-eliminação, é schopenhaueriano. Ele é originário do pessimismo filosófico alemão.

O argumento de que o suicida expressa em sua pureza o desejo de auto-eliminação é, para mim, incompreensível, à luz do que expus linhas atrás.

Contudo, é necessário destacar, no mínimo, três méritos no trabalho de Freud. Em primeiríssimo lugar, ter chamado a atenção para o problema da agressão. Se sua teoria do instinto de morte não a resolve epistemologicamente, ela encaminha um debate imperativo sobre o tema.

Em segundo lugar, mas não menos importante, mantém viva a questão fundamental, em psicanálise, de que o ser humano é movido por algo que vem de dentro dele e que lhe é essencial, esse “algo” que a psicanálise chama de impulso ou instinto e que constitui a “nossa mitologia”, como dizia Freud. A grandeza dessa concepção, originária no iluminismo, colocou no ser humano a origem da vida, tirando-a do domínio do sobrenatural ou místico, no qual o que determinava a vida mental era a “alma”, conceito metafísico e inexplicável por métodos naturais.

Em terceiro lugar, ao acentuar a primazia do “impulso”, está enfatizando, concomitantemente, a primazia do “sujeito”. O sujeito é o impulso. Nós somos as nossas vontades e querer. A nossa vontade, no sentido nietzscheniano, nos define como pessoa. Lamentavelmente, em O Ego e o Id, esse carácter imperativo do impulso, definindo o próprio sujeito, caracterizando-o, perdeu-se. A nossa vontade passou a ser não mais do “Eu”, mas do “Isso”.

A teoria pulsional, devorada pela teoria das relações de objeto, obscureceu a importância do Eu, ou seja, do sujeito.

A acolhida enfática de Melanie Klein à idéia de um instinto de morte não foi ainda plenamente debatida. Talvez seus defensores não se atrevam a criticar algo sacramentado na teoria. Temem, quem sabe, derrubar todo o edifício kleiniano, de tanta e indiscutível utilidade prática. É o que sugere Paula Heimann (1962) dizendo que “ao rechaçar o postulado de uma fonte última do instinto destrutivo (ou da agressividade inata), ficaria empobrecida a base inteira de nossos conceitos teóricos e todo o marco referencial para o trabalho psicológico” (p.290, tradução minha).

A origem provável dessa acolhida enfática pode estar relacionada com a “quase supressão” do narcisismo primário dentro da teoria kleiniana. De fato, exaltando o objeto – que gerou o fecundo aprofundamento da teoria do narcisismo secundário, via introjeções e identificações –, “o sujeito”, em seu pleno direito, praticamente, deixou de existir. O ego primitivo de Melanie Klein confunde-se com o ego inconsciente de Freud (Klein, 1957). Isso poderia dar margem a pensar-se que nada mais resta ao self do que simplesmente cindir-se, pondo fora de si o que era mau para si mesmo, e tudo o mais dependerá das identificações, do objeto bom introjetado.

A Melanie Klein não escaparam essas questões, como bem se pode prever. Uma observadora sagaz como ela não deixaria passar o risco da escravização do self pelos objetos “bons” nele enquistados (vide Notes on Some Schizoids Mechanisms). Um “bom objeto” que obriga o ego a obedecê-lo, renunciando à sua própria natureza, torna-se um temível e destrutivo inimigo. Outro problema que deixa uma série de interrogações diz com a questão da assimilação dos objetos no self, sobre a qual Paula Heimann (1942) chamou a atenção e que Donald Meltzer retoma no seu Processo Analítico. Essa assimilação descaracteriza o self? Ela é um acréscimo ao self? Ela é um instrumento de facilitação das manifestações do self? Baranger chama a atenção para o fato de que Freud nunca foi um entusiasta da “introjeção”. Diz Baranger que o trabalho Luto e Melancolia abriu um caminho que Freud não explorou com profundidade (Baranger, 1980).

O ego, para adiante do ego primitivo de M. Klein, corre o risco de ser considerado um aglomerado de objetos. Talvez pelo pouco apreço dispensado ao trabalho de Paula Heimann citado, não bem aproveitado em toda a sua dimensão metapsicológica (6).

A posição depressiva, ao invés de ser um obstáculo ao desenvolvimento, obstáculo que deve ser superado, ao invés de ser a fonte de patologias graves, como a psicose maníaco-depressiva (vide M. Klein, Uma Contribuição à Psicogênese dos Estados maníaco-depressivos), passou, em certos textos, a ser cultivada, adorada como um novo Deus. E nessa adoração, o “sujeito” desaparece, submerge, é mero figurante, onde brilha o sol do “objeto” – coisa que Freud deixa explicitado como patologia no seu trabalho sobre o ideal do ego.

Tal distorção clínico-teórica confundiu o objeto com o self, impedindo de ver-se claramente onde os limites de um e de outro. Assim, os ataques ao objeto internalizado e fundido ao self passam a ser considerados ataques ao próprio sujeito.

A dominância do objeto sobre o sujeito fez com que a teoria da reparação se centrasse sobre o objeto, muito embora Grinberg chamasse a atenção para a importância metapsicológica da reparação do próprio self, coisa que P. Heimann já fizera. Mas a reparação do self ficou quase como um aspecto marginal na teoria da reparação, deixando de lado a restauração da auto-estima, abalada e falsificada pela culpabilidade.

Essa distorção tem profundos reflexos na prática e técnica analíticas.

Penso haver um conflito epistemológico entre a concepção “finalista” do instinto e a concepção “evolutiva” da vida. Manter a vida, manter-se vivo, às vezes a qualquer preço, é mais forte do que ter prazer na vida. Quantas vezes assistimos a conflitos entre manter-se vivo a qualquer preço, tendo de enfrentar um grau maior ou menor de dor ou sofrimento. Os casos célebres de canibalismo, nem tão antigos, podem servir de exemplo: a necessidade de sobrevivência sobrepujou o escrúpulo antropofágico. Estou me referindo a um acidente com um avião que caiu nos Andes, fartamente noticiado pela imprensa e que foi objeto de um filme.

Atos de covardia, às vezes repulsiva, são narrados como exemplo desse egoísmo imperativo. O que fala mais alto é a preservação da vida e não o auto-eliminar-se. Muitos desses atos provocam os mais terríveis conflitos de consciência. Se há um prazer aqui, é o prazer de matar e não de deixar-se morrer.

Outra confusão epistemológica diz com o estabelecimento da posição esquizo-paranóide. Não é necessário imaginar-se que a volta para si próprio do impulso hostil contra o peito seja o revertere ad locum tuum. A psicologia da melancolia explica suficientemente bem essa volta contra o próprio sujeito em termos de introjeção do objeto no ego. Mas, obviamente, é

necessário acreditar em “projeção” e “introjeção” como mecanismos inatos. Para imaginar-se o medo da morte não é necessário imaginar que seja a volta de algo interno contra o sujeito. Basta pensar que é o “medo de ser assassinado”, como dramaticamente expressam os psicóticos em relação à própria mãe. E por que não pensar que o psicótico tem razão, então? Não está ele, com sua sensibilidade exaltada, captando um desejo assassino da sua mãe, desejo que ele revidará, em meio a uma culpabilidade infinita? São conseqüências confusoras devido à linha puramente instintivista dessa argumentação (cf. Money-Kirle, 1969).

Uma psicanálise conduzida de acordo com a teoria do instinto de morte, além de cultivar o “pessimismo schopenhaueriano”, leva, consecutivamente, à adoração do objeto. Pois, “se sou o culpado de tudo, isento inteiramente o objeto de qualquer responsabilidade”.

Cheguei no problema do narcisismo e quase caí na antiga divisão de Freud, entre instintos do ego e instintos sexuais. Pode-se alegar que prazer e conservação da vida estão juntos aqui – efetivamente estão. A libido está toda concentrada no ego, e o objeto é deixado à deriva.

Pensando com Karl Abraham (1924), creio que o narcisismo é caracteristicamente infantil. A linha evolutiva da vida segue desde um narcisismo quase absoluto, para uma divisão – eu diria “repartição” – do amor entre o self e o objeto, até o ponto em que o self deixa de ser importante, e o objeto assume inteiramente o sentido da vida. é o caso dos nossos filhos. Há um momento em que eles passam a ser crescentemente mais importantes do que nós próprios. A esse respeito, bastaria citar o famoso “conflito de gerações”.

O ponto de vista evolutivo não pode ser ignorado. Freud diz, na p.28, do Além do Princípio do Prazer: “Por outro lado, porém, é óbvio que todas as suas brincadeiras são influenciadas por um desejo que as domina o tempo todo: o desejo de crescer e poder fazer o que as pessoas crescidas fazem”. Penso que este é o princípio que está acima e além do princípio do prazer: o impulso (desejo) de crescer e ser adulto (como as pessoas grandes são). é claro que nem precisamos abandonar a teoria sexual de Freud para supor esse princípio. Ele está implícito e explícito no complexo de Édipo. O complexo de Édipo, além de tudo, é o vetor dos impulsos que carregam a libido para a adultez, ou seja para a fatalidade da reprodução da espécie, ainda que o sujeito se oponha a ele. A oposição psicológica dificilmente poderá impedir que o sujeito tenha gametas e, pois, capacidade reprodutiva(7). O desejo de crescer é provavelmente o principal responsável pela compulsão a identificar-se com os pais. O desejo de crescer e ser adulto preside, assim, a formação do ego e do superego. Resta acrescentar que o desejo de ser grande acarreta a necessidade de considerar a agressão como um instrumento de crescimento e autonomia.

Como eu disse no início, estou citando Freud, não no seu texto explícito e principal, mas naquilo que está insinuado.

Voltando a citar Freud de 1920:

“Os pacientes repetem na transferência todas essas situações indesejadas e situações penosas, revivendo-as com a maior engenhosidade. Procuram ocasionar a interrupção do tratamento enquanto este ainda está incompleto; imaginam sentir-se desprezados mais uma vez, obrigam o médico a falar-lhes severamente e a tratá-los friamente; descobrem objetos apropriados para seu ciúme; em vez do nenê apaixonadamente desejado de sua infância, produzem um plano ou a promessa de algum grande presente, que em regra se mostra não menos irreal. (...) nenhuma lição foi apreendida da antiga experiência de que essas atividades, ao contrário, conduziram apenas ao desprazer. A despeito disso, são repetidas, sob a pressão de uma compulsão” (op. cit., p.35).

Cada uma dessas situações marca uma catástrofe na vida do sujeito (no sentido de Bion), maior ou menor. Essas catástrofes são, de fato, uma interrupção no desenvolvimento do sujeito, ou seja, um obstáculo no seu desenvolvimento no sentido da adultez. A compulsão psíquica à adultez, fundada no orgânico, é bloqueada, mais ou menos severamente. é a vida, a própria vida, portanto Eros, que está sendo obstaculizada, porque Eros, aqui, é sinônimo de desenvolvimento. A vida deve seguir seu curso, inscrito no genoma, e cada catástrofe representa uma interrupção no desenvolvimento(8).

Concorrente obrigatório do desenvolvimento é a compulsão à “integridade” do sujeito, o que ficou conhecido com a “função sintética do ego”. Paradoxalmente, mesmo quando sofre perdas, o ego prefere desfazer-se de uma parte do que perder seu senso de integridade, de inteireza, de completude, como ensinou Freud. Procurar manter-se inteiro faz parte da compulsão a seguir em frente, na linha evolutiva ontogenética. Quando Freud descreve sua hipótese da existência de um “escudo protetor contra os estímulos”, deixa claro que a primeira tarefa do sujeito atingido pelo trauma inundante de estímulos é refazer o seu escudo protetor. é o empenho para dominar o estímulo, “desenvolvendo a ansiedade cuja omissão constituiu a causa da neurose traumática” (Freud 1920, p.48), ansiedade cujo domínio, no seu trabalho de 1926, vai ser crucial na manutenção da integridade do self. Esse empenho não é outra coisa senão refazer a integridade da mente, do ego (do self), rompida e ameaçada de colapso. Essa função reconstitutiva “embora não contradiga o princípio do prazer, é sem embargo, independente dele, parecendo mais primitiva do que o intuito de obter prazer e evitar desprazer”, imitando Freud.

Encaradas as coisas sob esse ângulo, a reparação pode ser entendida como fazendo parte desse conjunto de manifestações vitais obrigatórias, compulsórias, para “além” do princípio do prazer. Reparar, consertar a relação com o objeto, mantê-lo intacto, salvá-lo, deixa de ser um movimento aleatório, dependendo de circunstâncias fortuitas. Não. A reparação é uma imposição biopsicológica, tão poderosa quanto a força de um instinto – senão mais ainda. Porque ela se confunde com o próprio desígnio de viver. Isso talvez explique a compulsão a consertar e manter relações de objeto que deveriam ser abandonadas por inservíveis. Ou então a aderência infinda (a chamada inércia psíquica de Freud) a objetos arcaicos que, confundidos com a vida, não podem ser abandonados.

Mencionei, linhas atrás, um argumento que está em M. Klein e proveniente de Abraham. O argumento é o de que a genitalidade predispõe à reparação. é um argumento francamente “instintivista”, mas de carácter evolucionar. Certamente, origina-se na concepção de Abraham da existência de uma fase pós-ambivalente, conectada com a genitalidade, conforme explicita no seu célebre estudo sobre a teoria da libido à luz dos transtornos mentais (Abraham, 1924). De certa maneira, Donald Meltzer afina-se com esse conceito, embora numa versão estrutural, quando afirma que a reparação se origina na vivência dos pais em coito criativo (cf. O Processo Analítico).

A reparação do objeto interno – ou dos objetos internos, especialmente da dupla parental, como quer Meltzer – é um imperativo para que o sujeito chegue à sua meta final: a reparação do self. Estou apenas lembrando o que todos os manuais de psicanálise ensinam, mas enfatizo que na teoria da reparação, se não bem compreendida, poderia dar margem a uma “ideologia do objeto”.

Resta, pois, dar uma origem à agressividade humana. A maioria dos autores prefere ser reticente nesse ponto. Recentemente, Feldman (2000) propõe que se investigue mais ainda acerca desses impulsos destrutivos. Concebê-los como sendo uma forma de luta pela vida é mais coerente com o que assistimos no consultório analítico e fora dele.

Luta pela vida: esse é o ponto de vista expresso pelo próprio Freud, nos seus trabalhos antropsociológicos, O Futuro de uma Ilusão e particularmente no seu Mal-Estar na Civilização. Toda uma quantidade de normas, regras, ameaças, que o ser humano precisou estabelecer para conter a agressividade – e continua precisando. Graças ao superego, a agressividade que era originalmente dirigida para fora, para “o outro”, volta-se contra o sujeito. O preço é sua mortificação.

é possível que a deflexão para fora do instinto de morte seja apenas a leitura de um fato obrigatório: sentindo-se ameaçado de morte, o ser humano, ao nascer, “agride” o mundo externo, porque sente vir de fora essa ameaça. Quando essa ameaça localizar-se no peito, está constituída a posição esquizo-paranoide no que ela tem de fundamental⁹.

Vários argumentos, aqui levantados, já o tinham sido pelo belo trabalho de Money-Kirle (1969) já citado. Saliento, apenas, que o impulso a reparar é a própria expressão do viver, ao longo do ciclo vital.

O impulso a assassinar o objeto foi confundido com a auto-eliminação, dada a fusão esquizo-paranoide do self primitivo com o objeto. E talvez seja graças ao estabelecimento da posição depressiva e sua solução, via reparação, que o estrago feito no sujeito pela mortificação seja menor e então, afinal, possamos morrer a nossa própria morte. Dessa forma, “mortificação”, via superego, e “reparação”, via ego, compõem, ambas, a oscilação contrapontística da vida, no seu paradoxo belo e sombrio.

Summary

Killing is as antique as life. To many authors, to kill for living is a natural law and conspicuously moral when it is bordered by nature. Killing becomes unnatural when killer and victim belong to the same species. Kleinian concept on reparation imposes thinking about inborn aggression and, therefore, about the dual instinct theory of Freud, formulated in Beyond Pleasure Principle, in 1920. The two points of view that he bases on for his speculation – economic theories as he formulated it; and self-destruction instinct – were almost unanimously rejected. Only Melanie Klein and her colleagues have accepted it, cautiously nevertheless.

In a work by my own, reparation and its developments are approached relating to the objects. In that work I put forward two forms of reparation, namely, reparatory fantasy and reparation proper. ‘Differentiation of the super-ego from ego represents the most important characteristics of the development both of the individual and of the species’ (Freud, 1923). This sets up guilt feeling. Reparation is an obligatory development of guilt feeling. Reparation is driven by it. For reparation, dead instinct hypothesis is not necessary. On the contrary. It seems incongruous with it. Epistemologically, reparation needs only inborn aggression. I highlighted from 1920 Freud’s work what I consider contributions aside from the main issue, mainly the reconstruction character of traumatic repetition. The twofold basic ideas keeping dead instinct hypothesis, namely, self-destruction as the ultimate goal of life; and suicide, proving the urge to self-destruction, are criticized. After commenting overstatements of secondary narcissism theory as responsible for the object cult, dismissing the self, I put forward that reparation is just the life instinct in its evolutionary manifestation. Death isn’t the opposite of life; it’s a consequence of life cycle. Thus death isn’t synonym of willing to die. Reparation of internal objects is an imperative pre-condition for construction and support of the self. To kill the internal object has been confused with self-destruction, because the early fusion self-object. May be thanks to the setting up of the depressive position, and its resolution through reparation that the damage done by mortification in the individual, is controllable, at least to a certain point.

Referências

- Abraham, K. (1924). Un Breve Estudio de la Evolución de la Libido, considerada a la luz de los Transtornos Mentales in: Psicoanálisis Clínico. Buenos Aires: Paidós-Hormé, 1959.
- Apfelbaum, B. (1965). Ego Psychology, Psychic energy, and the hazards of quantitative explanation in Psycho-analytic theory. Int. J. Psychoanal., 46: 2, 168-182.
- Baranger, W. (1980). Validez del Concepto de objeto en la Obra de Melanie Klein in: Aportaciones al Concepto de Objeto en Psicoanálisis, Willy Baranger y col, Amorrortu, 1971, Rev de Psicoanal., 34: 3, 1977.
- _____. (1968). El enfoque económico de Freud a Melanie Klein. Rev. Psicoanal. XXV, n.º 2, 1968, 297.
- Feldman, M. (2000). Some views on the Manifestation of the Death Instinct in Clinical Work. Int. J. Psychoanal. (2000) 81:53.
- Ferri, E. (1925). L’omicida nella psicopatologia criminale. Seconda edizione riveduta ed aumentada. Torino. Un. Tip. Tor. 1925, p.5. Citado por Machado, D. in: Uma Definição Biológica do Crime. Bels S.A., 1975.
- Freud, S. (1920). Além do principio do prazer. ESB, 1976.
- _____. (1923). O Ego e o Id. ESB, 1976.
- Heimann, P. (1942). Una Contribución al Problema de la Sublimación y sus relaciones con los Procesos de Internalización. Rev. de Psicoanal., 8: 550-567. Int. J. Psychoanal., 1942.
- _____. (1962). Notas sobre la teoría de los Instintos de Vida e de Muerte in: Desarrollos en Psicoanálisis. Buenos Aires: Paidós-Hormé.
- Machado, D. (1975). Uma Definição Biológica do Crime, tese inaugural. Bels S.A., 1975. Primeira ed. reduzida, 1933.
- Machado, P. M. (1985). Reparação: mecanismo e formas. Estudo Psicanalítico, trabalho apresentado à SPPA em 4 de julho de 1985.
- Klein, M. (1957). Envidia y Gratitud, in: Obras Completas. Buenos Aires: Paidós-Hormé, 1976, cap. III, primeiro parágrafo.
- Meltzer, D. (1971). O Processo Psicanalítico da Criança ao Adulto. Rio de Janeiro: Imago, 1971.
- Money-Kirle, R.E. (1969). Uma Contribuição Inconclusa para a Teoria do Instinto de Morte in: Temas de Psicanálise Aplicada. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- Romanovski, R. (1981). Um Estudo sobre os Fenômenos Repetitivos. Compulsão à Repetição, trabalho apresentado à SPPA, em 26 de outubro de 1981.
- Rosenfeld, H. (1988). A clinical approach to the psychoanalytic theory of the life and death instincts: an investigation into the aggressive aspects in Melanie Klein Today, vol. I, Elizabeth Spillius ed., Routledge. p.239-255. Primeira publicação Int. J. Psychoanal, 52, 169-78.

1. No trabalho de 1985, "Reparação: Mecanismo e Formas, Estudo Psicanalítico", abordei sucessivamente o conceito de reparação, reparação e função simbólica, reparação e os dois níveis de funcionamento mental, algumas modalidades de fantasias reparatórias, reparação e função defensiva, reparação verdadeira e seus efeitos e Reparação, Insight e sublimação. Para não estender demasiadamente o texto desse trabalho, fiz um resumo o mais condensado possível das principais idéias expostas, suprimindo muitos desses tópicos mencionados. Além disso, deixei de mencionar as referências bibliográficas para não confundir o leitor com as referências bibliográficas do atual trabalho. Também não foram mencionados os exemplos clínicos. O leitor interessado poderá sanar essas lacunas no trabalho de 1985.
2. Tanto no seu Uma contribuição à psicogênese dos estados maniaco-depressivos, de 1935, quanto em seu On Identification, de 1955, M. Klein refere-se às "fantasias de reparação" (fantasias reparatórias).
3. A reparação dos vínculos self/objeto deve obrigatoriamente abordar as relações de objeto hipócritas, desleais e maledicentes.
4. O atual trabalho discute precipuamente esta questão.
5. Denomina-se, na linguagem comum, de Projeto o trabalho póstumo que, em português, tem o nome de Projeto para uma Psicologia Científica.
6. Inexplicavelmente, Donald Meltzer faz uma afirmativa equivocada, ao afirmar o oposto, ou seja, que P. Heimann não acreditava na assimilação dos objetos. Cf. Clastrum. Buenos Aires: Spatia, 1994, p.6. Diz P. Heimann: "(...) la actividad productiva se logra a través de un proceso que me gustaría denominar de 'asimilación' de los objetos intemos. Mediante esta asimilación el sujeto adquiere y absorbe aquellas cualidades de los padres internalizados que mejor se avienen a su yo" (op. cit, p.567).
7. E ainda assim o intuito inconsciente seria o de privar o objeto de vida, tal como o fez Onan, ao lançar seu esperma no chão.
8. Freud conceitua, por exemplo, a homossexualidade (inversão) como uma parada no desenvolvimento. O caráter desenvolvimental da teoria da libido é taxativo.
9. Essa Idéia da agressão feita por um ambiente hostil que ameaça o recém-nascido dá ênfase à teoria do trauma do nascimento de Rank, não para explicar "tudo", derrubando a teoria sexual, mas, como o próprio Freud reconheceu, para dar uma origem à ansiedade, não só quanto à forma como ele pensava, mas também, ao seu conteúdo.

[| Voltar ao Topo |](#)

[| Voltar ao Sumário |](#)